Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social · 2026 · Vol. 12(2): 1–17
Portuguese Journal of Behavioral and Social Research · e-ISSN 2183-4938
Departamento de Investigação & Desenvolvimento · Instituto Superior Miguel Torga

ARTIGO ORIGINAL

Adaptação brasileira e estudo psicométrico da *Awareness, Courage, and Responsiveness Scale*

Brazilian Adaptation and Psychometric Study of the Awareness, Courage, and Responsiveness Scale

Letícia Martins Soares[1] · **Luanny Sousa Matias**[1] · **Luziana Oliveira Paiva**[1] · **Leonan dos Santos-Pereira**[1] · **Rodrigo Nunes Xavier**[1]

[1] *Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, Brasil*

https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.418

DATAS EDITORIAIS
Recebido 06/07/2025
Revisto 24/06/2026
Aceite 13/11/2026
Publicado 15/11/2026

COMO CITAR
Soares, L. M., Matias, L. S., Paiva, L. O., Santos-Pereira, L., & Xavier, R. N. (2026). Adaptação brasileira e estudo psicométrico da *Awareness, Courage, and Responsiveness Scale*. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, *12*(2), 1–17. https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.418

AUTOR CORRESPONDENTE
Rodrigo Nunes Xavier
Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC), Rua Bahia, 169, Jardim dos Ipês, 15770-025, Três Fronteiras, SP, Brasil
E-mail: rodrigonunesxavier@gmail.com

PUBLICAÇÃO EM ACESSO ABERTO
©2026. O(s) Autor(es). Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0), que permite o uso, a distribuição e a reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

DI&D | ISMT
rpics@ismt.pt
https://rpics.ismt.pt

* Artigo escrito em português do Brasil.

Resumo

Objetivo: A Psicoterapia Analítica Funcional enfatiza o desenvolvimento da intimidade interpessoal como mecanismo terapêutico central. No entanto, a literatura apresenta escassez de instrumentos validados para mensurar repertórios relacionados à consciência, coragem e amor. A *Awareness, Courage, and Responsiveness Scale* foi desenvolvida com esse propósito, mas ainda não havia versão adaptada para o português brasileiro. Objetivou-se adaptar culturalmente e validar uma versão brasileira, denominada Escala de Consciência, Coragem e Responsividade – Versão Randomizada, por meio de três estudos sucessivos. **Métodos:** O Estudo 1 realizou o processo de tradução, retrotradução e harmonização da escala, seguido de entrevista cognitiva (n = 32). O Estudo 2 avaliou propriedades psicométricas da escala em uma amostra (n = 183) de adultos brasileiros da população geral, com análises descritivas, consistência interna (alfa de Cronbach) e padronização percentílica dos escores. O Estudo 3 (n = 537) examinou a estrutura fatorial da escala por meio de análises fatoriais exploratória e confirmatória, com uso de matriz policórica e índices de ajuste global. **Resultados:** Os itens apresentaram boa compreensão semântica e ajustes pontuais foram realizados. A escala demonstrou consistência interna satisfatória (α = 0,80) e distribuição adequada dos escores. A análise exploratória reteve cinco fatores, um deles com apenas dois itens. Na análise confirmatória, o modelo de quatro fatores correlacionados produziu uma solução inadmissível, o modelo de segunda ordem não convergiu e o modelo unifatorial apresentou índices de ajuste mistos. **Conclusões:** A escala apresentou evidências iniciais de validade semântica e consistência interna satisfatória para o escore total. A análise exploratória recuperou parcialmente os domínios teóricos, e a estrutura permanece a confirmar. Trata-se de um instrumento promissor para uso em avaliação, intervenção e pesquisa, a validar em contextos clínicos.

Palavras-chave: Adaptação Psicológica; Estudos de Validação; Psicometria; Psicoterapia Comportamental; Relações Interpessoais; Estudo Instrumental.

Abstract

Objective: Functional Analytic Psychotherapy emphasizes the development of interpersonal intimacy as a central therapeutic mechanism. However, validated instruments to assess key interpersonal repertoires, such as awareness, courage, and love, remain lacking. The Awareness, Courage, and Responsiveness Scale was developed for this purpose but had not yet been adapted for Brazilian Portuguese. This study aimed to culturally adapt and validate a Brazilian Portuguese version, named Escala de Consciência, Coragem e Responsividade – Versão Randomizada, through three successive studies. **Methods:** Study 1 included translation, back-translation, and harmonization, followed by a cognitive interview (n = 32). Study 2 assessed the psychometric properties of the scale in a sample (n = 183) of Brazilian adults from the general population, including descriptive analyses, internal consistency (Cronbach's alpha), and percentile-based score standardization. Study 3 (n = 537) tested the scale's factor structure through exploratory and confirmatory factor analyses, using polychoric correlation matrices and global fit indices. **Results:** The items were semantically well understood, and minor adjustments were made. The scale demonstrated satisfactory internal consistency (α = .80) and adequate score distribution. The exploratory analysis retained five factors, one comprising only two items. The four-factor correlated model yielded an inadmissible solution, the higher-order model did not converge, and the unidimensional model showed mixed fit. **Conclusions:** The scale showed initial evidence of semantic validity and satisfactory internal consistency for the total score. The exploratory analysis partially recovered the theoretical domains, and the proposed factor structure remains to be confirmed. It is a promising instrument for use in assessment, intervention, and empirical studies in the context of FAP, pending validation in clinical settings.

Keywords: Psychological Adaptation; Validation Studies; Psychometrics; Behavioral Psychotherapy; Interpersonal Relations; Instrumental Study.

Introdução

A Psicoterapia Analítica Funcional (*Functional Analytic Psychotherapy* – FAP) é uma abordagem clínica desenvolvida no final do século XX por Robert Kohlenberg e Mavis Tsai (1991/2001), cuja proposta central consiste na utilização da relação terapêutica como contexto privilegiado para a promoção de mudanças comportamentais. Fundamentada na análise do comportamento e influenciada pela ciência comportamental contextual e por perspectivas relacionais da psicoterapia, a FAP enfatiza a análise funcional dos comportamentos clinicamente relevantes que emergem na interação entre terapeuta e cliente ao longo das sessões (Holman et al., 2017/2022).

Historicamente, a FAP foi concebida como uma abordagem predominantemente idiográfica, voltada à compreensão funcional do comportamento em contextos relacionais singulares. Nessa perspectiva, os objetivos terapêuticos são definidos a partir das necessidades específicas de cada cliente e das contingências que operam em sua história de vida e na relação terapêutica. Coerentemente, o desenvolvimento empírico da abordagem ocorreu principalmente por meio de delineamentos de caso único e métodos centrados na observação direta do comportamento *in vivo* (Kanter et al., 2017; Singh & O'Brien, 2018).

Apesar de sua relevância clínica, esse caráter fortemente contextual e idiográfico trouxe desafios para a acumulação sistemática de evidências, especialmente no que se refere à padronização de procedimentos, à identificação de mecanismos de mudança e à comparação entre estudos. Nesse contexto, diferentes autores passaram a buscar formas de descrever, de maneira mais sistemática, os processos interpessoais centrais envolvidos na promoção de mudanças terapêuticas (Haworth et al., 2015; Kanter et al., 2014; Xavier, 2021). O modelo *Awareness, Courage, and Love* (ACL; consciência, coragem e amor) surgiu como uma das principais propostas nesse sentido. Mais do que um conjunto de técnicas, o ACL constitui uma formulação funcional dos objetivos interpessoais da FAP, descrevendo repertórios considerados fundamentais para o desenvolvimento da intimidade e de relações interpessoais mais autênticas.

Embora o ACL tenha sido desenvolvido no contexto da FAP, alguns autores argumentam que ele representa mais do que um refinamento operacional da abordagem. Ao propor processos interpessoais relativamente universais, passíveis de descrição, mensuração e investigação empírica, o modelo desloca parcialmente o foco da tradição idiográfica da FAP para uma perspectiva mais nomotética e orientada por processos. Nesse sentido, o desenvolvimento do ACL pode ser compreendido como um importante desdobramento teórico da própria FAP, aproximando-a de agendas contemporâneas de pesquisa baseada em evidências e investigação de mecanismos de mudança (Vandenberghe, 2025; Xavier, 2021), movimento que acompanha o crescimento da literatura empírica sobre a eficácia da abordagem observado nos últimos anos (López-Pinar et al., 2025).

Com o objetivo de operacionalizar empiricamente os processos do modelo ACL, Kuczynski et al. (2020) desenvolveram a Awareness, Courage, and Responsiveness Scale (ACRS), composta por 24 itens respondidos em escala Likert de sete pontos. O instrumento foi concebido para avaliar habilidades relacionadas à intimidade interpessoal por meio de quatro fatores específicos — Consciência sobre o Outro, Consciência Pessoal, Coragem e Responsividade — organizados sob um fator geral de segunda ordem denominado Habilidades para a Intimidade. Nessa estrutura, os componentes Consciência Pessoal e Consciência sobre o Outro correspondem a diferentes aspectos do processo de consciência descrito pelo modelo ACL, enquanto Coragem e Responsividade representam diretamente os componentes coragem e amor, respectivamente. Desse modo, a ACRS traduz os processos interpessoais postulados pelo ACL em dimensões empiricamente mensuráveis.

As habilidades para a intimidade refletem a capacidade de estabelecer e manter relações profundas, autênticas e vulneráveis. A Consciência sobre o Outro refere-se à habilidade de perceber e compreender as reações emocionais de outras pessoas durante interações interpessoais. A Consciência Pessoal diz respeito ao reconhecimento das próprias experiências emocionais em contextos de intimidade. A Coragem envolve a disposição para assumir riscos interpessoais por meio da expressão autêntica de pensamentos, sentimentos e necessidades. Por fim, a Responsividade corresponde à capacidade de responder de forma sensível e acolhedora à vulnerabilidade do outro (Kuczynski et al., 2020).

Do ponto de vista conceitual, a intimidade é compreendida no modelo ACL como um processo interpessoal emergente da interação entre consciência, coragem e amor/responsividade. A consciência favorece o contato discriminado com experiências privadas e sinais interpessoais relevantes; a coragem possibilita a exposição autêntica e a aproximação de experiências potencialmente aversivas; e a responsividade promove acolhimento e reciprocidade diante da vulnerabilidade do outro. Os fatores da ACRS procuram operacionalizar essas dimensões por meio de indicadores observáveis e autorrelatados, permitindo a avaliação empírica de repertórios considerados centrais para o desenvolvimento da intimidade.

No Estudo 1 de Kuczynski et al. (2020), que reportou uma amostra de 1457 estudantes universitários, as médias das quatro subescalas da ACRS ficaram acima do ponto médio da escala de resposta (4, em uma escala de 1 a 7). As médias foram: Consciência sobre o Outro: M = 5,23, DP = 0,91, Mdn = 5,40; Consciência Pessoal: M = 5,16, DP = 0,91, Mdn = 5,17; Coragem: M = 4,74, DP = 0,90, Mdn = 4,67; Responsividade: M = 5,28, DP = 1,00, Mdn = 5,29. Tais resultados sugerem que os participantes tenderam a avaliar sua atuação nos domínios da ACRS com frequência moderada a alta, sendo o fator "coragem" o menos pontuado em média, o que pode indicar uma dimensão mais desafiadora ou sensível à autopercepção.

Ortiz-Fune et al. (2021), em sua amostra de 374 participantes falantes do espanhol entre 18 e 65 anos, também encontraram médias geralmente superiores ao ponto médio da escala, embora com exceções nos Itens 6, 9, 12 e 16. O teste de Mardia indicou desvios da normalidade multivariada tanto na assimetria

quanto na curtose (ambos $p < 0{,}001$). Ainda assim, os autores optaram por utilizar o método de estimação por máxima verossimilhança (ML) para manter a comparabilidade com o estudo original. Esses resultados sugerem uma tendência geral favorável ao modelo, mas com necessidade de refinamento na adaptação.

Vale notar que nem o estudo de Kuczynski et al. (2020), nem o de Ortiz-Fune et al. (2021) apresentaram análises descritivas por agrupamento de itens por fator ou percentis por construto, tampouco sugeriram normas interpretativas para o escore total da escala. Isso limita o uso da ACRS em avaliações clínicas individualizadas. O presente estudo busca também suprir essa lacuna, propondo padrões descritivos normativos e agrupamentos referenciais com base em uma amostra brasileira, com vistas à aplicação da escala tanto na prática clínica quanto em pesquisas de eficácia em FAP.

A análise fatorial confirmatória (CFA) conduzida por Kuczynski et al. (2020) evidenciou bom ajuste do modelo hierárquico com quatro fatores de primeira ordem subordinados a um fator de segunda ordem (intimidade), com índices: $\chi^2_{YB}(248) = 863{,}39$, $p < 0{,}001$; $\chi^2/gl = 3{,}48$; R-CFI = 0,94; R-TLI = 0,94; R-RMSEA = 0,05; R-SRMR = 0,04. As cargas fatoriais variaram entre $\lambda = 0{,}70$ e $\lambda = 0{,}97$, com correlações entre os fatores de 0,59 a 0,84. No Estudo 3 dos mesmos autores, as análises de invariância indicaram resultados favoráveis à invariância configuracional e métrica, mas resultados mistos quanto à invariância escalar entre as amostras.

Em estudo subsequente, Ortiz-Fune et al. (2021) conduziram análise fatorial confirmatória inicial que não alcançou ajuste satisfatório, indicando necessidade de modificação no modelo. O estudo identificou problemas com erros correlacionados entre itens semanticamente próximos, além do efeito halo causado pela apresentação sequencial de itens de um mesmo fator.

Após testar o modelo hierárquico original, Ortiz-Fune et al. (2021) examinaram dois modelos alternativos. O primeiro permitiu correlações entre os erros de pares de itens do mesmo fator. O segundo excluiu, de cada par com erros correlacionados, o item com menor carga fatorial. Apenas o modelo com exclusão de itens apresentou ajuste satisfatório. No modelo com erros correlacionados, as cargas fatoriais dos itens foram superiores a 0,45, com exceção do Item 17 (“Estoy dispuesto/a a ser vulnerable en las relaciones”), da dimensão Coragem, cuja carga foi $\lambda = 0{,}185$. Nesse mesmo modelo, Consciência sobre o Outro ($\lambda = 0{,}954$) e Responsividade ($\lambda = 0{,}922$) apresentaram as maiores cargas no fator de segunda ordem.

Além disso, a adaptação realizada por Ortiz-Fune et al. (2021) apresentou limitações metodológicas importantes, como a ausência de procedimentos sistemáticos de tradução. A recomendação atual é o uso de diretrizes consolidadas como as do grupo Translation and Cultural Adaptation (TCA), que propõe dez etapas para assegurar qualidade na tradução e adaptação cultural de instrumentos (Wild et al., 2005). Essas etapas visam reduzir variações semânticas e preservar a equivalência conceitual entre culturas.

Outro aspecto relevante diz respeito ao conceito de “vulnerabilidade”, cuja tradução literal pode gerar interpretações culturais distintas. No português brasileiro, o termo é frequentemente associado à fraqueza ou suscetibilidade (Ferreira, 2009), em contraste com a concepção de vulnerabilidade como coragem e abertura relacional proposta por autores como Brené Brown (2016). Essas distinções culturais podem impactar a compreensão e a validade dos itens da escala, tornando essencial a adoção de uma tradução que respeite a carga semântica do termo na cultura de destino e preserve a essência conceitual original do instrumento.

Além das questões linguísticas, diferenças socioculturais podem influenciar a forma como os repertórios avaliados pela escala são expressos e interpretados. Aspectos relacionados à demonstração de afeto, exposição emocional, vulnerabilidade interpessoal e reciprocidade relacional são modulados por

normas culturais específicas, podendo afetar a compreensão dos itens e a organização dos construtos em diferentes contextos. Assim, a adaptação transcultural da ACRS não se justifica apenas pela inexistência de uma versão em português brasileiro, mas também pela necessidade de investigar a equivalência conceitual e estrutural do instrumento em uma população culturalmente distinta daquela em que foi originalmente desenvolvido.

Diante dessas lacunas, o presente estudo tem como objetivos: (1) traduzir e adaptar culturalmente a ACRS para o português brasileiro utilizando o protocolo do TCA; (2) realizar uma análise de confiabilidade com uma amostra de adultos brasileiros, propondo padronizações normativas preliminares; e (3) conduzir análises fatoriais exploratória e confirmatória da versão traduzida, testando sua adequação ao modelo teórico proposto por Kuczynski et al. (2020) e replicado, com modificações, por Ortiz-Fune et al. (2021), isto é, quatro fatores de primeira ordem subordinados a um fator geral, em uma amostra culturalmente distinta das originais. A expectativa é que as análises confirmem a validade estrutural do instrumento e sua aplicabilidade para a população brasileira.

Acredita-se que estes esforços contribuirão para consolidar a ACRS como um instrumento válido e fiável para medir competências interpessoais fundamentais no contexto da FAP, ampliando a sua aplicabilidade clínica e promovendo avanços na investigação baseada em evidências no Brasil.

Método

Participantes

Estudo 1 – Tradução e Adaptação Cultural

A etapa de tradução e adaptação cultural foi conduzida por três alunas do curso de pós-graduação em Análise Comportamental Clínica do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC), coautoras do presente estudo, sob a orientação de um psicólogo doutor, também coautor. O orientador também realizou uma das duas traduções diretas, feitas de forma independente, e a outra foi realizada por um tradutor externo. Participaram ainda uma retrotradutora e 32 respondentes da Entrevista Cognitiva. Esta etapa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, mas, conforme Parecer nº 6.865.768 (04/06/2024), foi dispensada de apreciação formal por se tratar de pesquisa com foco exclusivamente em tradução de instrumentos. Ainda assim, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A amostra (Tabela 1) da Entrevista Cognitiva foi inicialmente composta por respondentes recrutados por conveniência, buscando diversidade regional, de gênero, etnia e experiência prévia em psicoterapia. A partir de um total de 88 participantes, foram selecionados 32 respondentes com base em critérios de equilíbrio entre variáveis sociodemográficas relevantes (gênero, escolaridade e experiência em psicoterapia), de modo a mitigar possíveis vieses amostrais. Essa seleção intencional resultou em uma amostra com distribuição equilibrada de gênero (53,1% homens, 43,8% mulheres e 3,1% pessoa não binária), média de idade de 33,19 anos, ampla escolaridade (90,6% com ensino superior completo ou pós-graduação), predominância de residentes da região Sudeste (81,3%) e maioria com experiência prévia em psicoterapia (65,6%). Além disso, foram incluídos participantes que apresentaram dúvidas na compreensão dos itens, bem como representantes de minorias, sendo que pessoas trans integram as categorias homem e mulher nos três estudos.

Estudo 2 – Análise Psicométrica Inicial

A coleta e as análises referentes a esta etapa foram conduzidas por um aluno da pós-graduação do IBAC, coautor do estudo, sob a orientação de um dos coautores. Participaram 183 adultos brasileiros (Tabela 1), recrutados por amostragem não probabilística por conveniência, por meio de ampla divulgação online. A amostra apresentou predominância de mulheres (76%), pessoas com escolaridade de nível superior (56,3% com pós-graduação), idade entre 25 e 44 anos (63,4%) e residentes nas regiões Sudeste (53%) e Sul (29%). Houve diversidade étnico-racial e de identidade de gênero (uma pessoa não binária; 3,3% preferiram não informar). A maioria dos participantes (86,3%) relatou já ter realizado psicoterapia.

Tabela 1

Características Demográficas e Clínicas dos Participantes por Estudo

		Estudo 1 (n = 32)		Estudo 2 (n = 183)		Estudo 3 (n = 537)	
Características	Categoria	*n*	%	*n*	%	*n*	%
Gênero	Homem	17	53,1	37	20,2	150	27,9
	Mulher	14	43,8	139	76,0	369	68,7
	Não binário	1	3,1	1	0,5	2	0,4
	Prefere não dizer/Outro	0	0,0	6	3,3	16	3,0
Escolaridade	Ensino fundamental	0	0,0	4	2,2	8	1,5
	Ensino médio	3	9,4	42	23,0	363	67,6
	Ensino superior completo	12	37,5	34	18,6	76	14,2
	Pós-graduação (especialização)	10	31,3	69	37,7	83	15,5
	Mestrado e/ou doutorado	7	21,9	34	18,6	7	1,3
Faixa etária	18–24 anos	3	9,4	35	19,1	315	58,7
	25–34 anos	18	56,3	77	42,1	111	20,7
	35–44 anos	8	25,0	39	21,3	74	13,8
	45–54 anos	2	6,3	22	12,0	29	5,4
	55–64 anos	0	0,0	8	4,4	8	1,5
	65 anos ou mais	1	3,1	2	1,1	0	0,0
Localidade de residência	Sudeste	26	81,3	97	53,0	2	0,4
	Sul	2	6,3	53	29,0	4	0,7
	Centro-Oeste	0	0,0	19	10,4	1	0,2
	Nordeste	3	9,4	11	6,0	0	0,0
	Norte	1	3,1	3	1,6	530	98,7
Psicoterapia	Já fez ou faz	21	65,6	158	86,3	222	41,3
	Nunca fez	11	34,4	25	13,7	315	58,7

Nota. Percentagens calculadas sobre o *n* de cada estudo.

Estudo 3 – Análise Fatorial

A coleta de dados desta etapa foi realizada por uma aluna do curso sob a orientação de um dos coautores, responsável pelas análises estatísticas. A amostra foi composta por 537 participantes (Tabela 1), estudantes de um campus universitário localizado no município de Macapá (AP), com predominância de

mulheres (68,7%), escolaridade de ensino médio completo (67,6%) e idade entre 18 e 24 anos (58,7%). A quase totalidade dos participantes residia na região Norte (98,7%), majoritariamente no estado do Amapá. Dos participantes, 41,3% relataram experiência prévia em psicoterapia, o que ampliou a variabilidade clínica da amostra em relação aos estudos anteriores.

As amostras dos Estudos 2 e 3 apresentaram diferenças relevantes em termos de idade, escolaridade, experiência prévia em psicoterapia e distribuição geográfica. Enquanto o Estudo 2 contou predominantemente com adultos residentes nas regiões Sudeste e Sul, com elevada escolaridade e ampla experiência psicoterápica, o Estudo 3 foi composto majoritariamente por jovens universitários da região Norte e com baixa exposição prévia à psicoterapia. Embora essa heterogeneidade amplie a representatividade dos contextos avaliados, ela também pode influenciar padrões de resposta e a organização dos construtos investigados, aspecto considerado na interpretação dos resultados. Os Estudos 2 e 3 foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 8222.5924.0000.5056) e a participação se deu mediante assinatura de TCLE.

Procedimentos

Estudo 1

A tradução seguiu as dez etapas propostas por Wild et al. (2005): preparação, tradução direta (por dois tradutores independentes), reconciliação, retrotradução, revisão da retrotradução, harmonização, entrevista cognitiva, revisão da entrevista, revisão final e elaboração do relatório. Durante a harmonização, a expressão “ser vulnerável” foi substituída por “me entregar e me arriscar” para adequar a redação ao português brasileiro. Esse item corresponde ao Item 17 na ordem original da ACRS, utilizada no Estudo 1, e ao Item 20 na ordem randomizada da ECCR-VR, adotada nas tabelas dos Resultados.

A Entrevista Cognitiva foi conduzida com 32 participantes recrutados por redes sociais. Após assinatura do TCLE, os participantes preencheram a escala harmonizada e responderam a duas perguntas adicionais por item: (1) se compreenderam a questão (sim/não), e (2) em caso negativo, que descrevessem suas dúvidas. Esses dados subsidiaram a etapa de revisão final do instrumento.

Estudo 2

A aplicação da ECCR-VR ocorreu por meio de formulário online, contendo TCLE, questionário sociodemográfico e a escala. Foram excluídos do estudo os dados de dois participantes devido a registros incompletos ou com preenchimento insuficiente para o cálculo dos escores da escala. Também foi realizada inspeção preliminar da consistência dos dados antes das análises, verificando a integridade das respostas e a ausência de padrões evidentes de preenchimento inválido.

Estudo 3

Os mesmos instrumentos foram aplicados, pelo mesmo procedimento, à amostra deste estudo, e os dados foram preparados para as análises fatoriais exploratória (AFE) e confirmatória (AFC), seguindo os procedimentos estatísticos descritos na seção subsequente. Não houve exclusões nem dados omissos nos 537 casos analisados.

Instrumentos

Escala de Consciência, Coragem e Responsividade – Versão Randomizada (ECCR-VR)

A ECCR-VR é a versão em português brasileiro da ACRS (Kuczynski et al., 2020), adaptada segundo as diretrizes do grupo *Translation and Cultural Adaptation* (Wild et al., 2005), conforme descrito no Estudo 1. A versão com os itens na ordem original (ECCR) foi utilizada na entrevista cognitiva; nos

Estudos 2 e 3, a ordem dos itens foi randomizada para mitigar o efeito halo descrito por Ortiz-Fune et al. (2021). A escala mantém os 24 itens originais, distribuídos por quatro fatores (Consciência sobre o Outro, Consciência Pessoal, Coragem e Responsividade), respondidos em uma escala Likert de sete pontos, de 1 (*Nunca verdadeiro*) a 7 (*Sempre verdadeiro*). A consistência interna da escala total foi de α = 0,93 no estudo de desenvolvimento da ACRS (Kuczynski et al., 2020) e de α = 0,80 no Estudo 2 da adaptação brasileira.

Análise de dados

Estudo 2

Foram conduzidas análises descritivas (média, desvio-padrão, mediana), padronização por percentis e análise de confiabilidade (alfa de Cronbach). As análises foram realizadas por item, por fator e para a escala total, com o apoio do software JASP (versão 0.19.3; JASP Team, 2024). Nos Estudos 2 e 3, a dimensão amostral foi determinada pelo número de participantes recrutados por conveniência que atenderam aos critérios de inclusão de cada estudo. No Estudo 2, a amostra incluiu apenas os participantes que responderam aos 24 itens da ECCR-VR.

Estudo 3

Foram realizadas AFE e AFC utilizando o software JASP (JASP Team, 2024). A AFE utilizou o método de extração por máxima verossimilhança com rotação oblíqua (Oblimin), com base em matriz de correlação policórica. O número de fatores foi determinado pela análise paralela baseada em fatores. Os critérios de adequação da amostra incluíram o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. Apenas cargas fatoriais ≥ 0,30 foram consideradas. Foram geradas também a matriz de estrutura, correlações fatoriais e índices de ajuste (CFI, TLI, RMSEA, SRMR).

A análise fatorial confirmatória (AFC) foi realizada com matriz de correlações policóricas e estimador DWLS. Foram testados três modelos com os 24 itens da ECCR-VR: quatro fatores correlacionados, modelo hierárquico de segunda ordem com um fator geral de intimidade e modelo unifatorial. Como análise complementar, foi examinado um modelo de 18 itens com três fatores livremente correlacionados: Consciência sobre o Outro, Coragem e Responsividade. Para os modelos conjuntos que produziram soluções admissíveis, foram reportados o teste do qui-quadrado e os índices CFI, TLI, RMSEA e SRMR.

Foram também estimados quatro modelos unifatoriais separados, cada um com os itens de um dos domínios teóricos da ECCR-VR. Para cada domínio, foram reportados o alfa de Cronbach, o ômega de McDonald, a confiabilidade composta (CC) e a variância média extraída (AVE). A CC foi calculada dividindo-se o quadrado da soma das cargas padronizadas pela soma desse quadrado com o total das variâncias residuais padronizadas dos itens. As cargas padronizadas e os coeficientes de determinação (R^2) dos 24 itens, obtidos nesses quatro ajustes separados, foram reunidos em uma única tabela.

Resultados

Estudo 1

O Estudo 1 teve como objetivo traduzir e adaptar culturalmente a ACRS para o português brasileiro, gerando a versão preliminar da ECCR. O processo seguiu as diretrizes do grupo *Translation and Cultural Adaptation* (Wild et al., 2005), com atenção à clareza semântica, equivalência conceitual e adequação cultural.

Duas traduções independentes foram realizadas, com diferenças pontuais de vocabulário (p. ex., “wants” como “desejos” ou “vontades”; “support” como “ajuda” ou “apoio”). A reconciliação priorizou termos de uso corrente e estruturas sintáticas simples, como em “Eu expresso amor para aqueles com quem me importo” (Item 19). A retrotradução revelou equivalência conceitual geral, embora alguns ajustes tenham sido necessários. Por exemplo, o Item 5 na ordem original da ACRS (“I can anticipate people’s wants and needs”), correspondente ao Item 6 na ordem randomizada da ECCR-VR, foi inicialmente traduzido com a expressão “necessidades e desejos”, retrotraduzida como “needs and desires”. A redação aplicada foi “Eu consigo antecipar as necessidades e desejos das pessoas”.

O Item 8 na ordem original da ACRS, correspondente ao Item 10 na ordem randomizada da ECCR-VR, foi traduzido com a redação “Eu percebo como meus sentimentos afetam minhas ações”. Na harmonização, o Item 17 (“I am willing to be vulnerable in relationships”) foi reformulado para “Estou disposto a me entregar e me arriscar nos relacionamentos”, visando minimizar interpretações negativas associadas ao termo “vulnerável” no português brasileiro (cf. Brown, 2016; Ferreira, 2009).

A Entrevista Cognitiva foi realizada com 32 participantes diversos quanto a região, gênero, etnia e experiência em psicoterapia. Eles preencheram a escala e responderam a duas perguntas por item: (1) se compreenderam a questão, e (2) quais dúvidas tiveram. Em 11 dos 24 itens, houve ao menos uma resposta negativa. O Item 1 (15 após a randomização; “Estou ciente dos momentos em que posso ser cuidadoso, solidário e amoroso em relação aos outros”) recebeu três respostas negativas (9,4%); os Itens 11 (16 após a randomização), 12 (4), 17 (20) e 18 (18) receberam duas; e os Itens 4 (8), 6 (7), 9 (9), 10 (24), 13 (11) e 19 (5), uma. Comentários incluíram dúvidas sobre expressões como “estar ciente” (Item 1 original), construções ambíguas com “enquanto/quando” (Itens 10 e 11) e a palavra “desconfortável” (Item 13).

Ainda assim, a frequência de incompreensão foi inferior a 10% em todos os casos, o que justificou a manutenção dos itens. O Item 17, apesar de sua reformulação, não recebeu respostas negativas. Houve apenas uma dúvida sobre o tipo de relacionamento a considerar na resposta, atribuída à instrução geral, e não ao item. O Item 9, também envolvendo “vulnerabilidade”, não gerou observações.

Após essa etapa, foram feitas correções finais de natureza gramatical e semântica, resultando em uma versão clara, conceitualmente equivalente e culturalmente adequada da ECCR. Em seguida, foi elaborado um relatório técnico com a documentação completa do processo, contendo justificativas para todas as decisões tomadas, trechos comparativos e análise detalhada dos principais itens discutidos.

Estudo 2

A versão consolidada da ECCR após o processo de tradução e adaptação cultural teve seus itens redistribuídos aleatoriamente para ser utilizada nesta etapa (a ECCR-VR). Aqui, o objetivo foi investigar suas propriedades psicométricas iniciais, incluindo medidas de tendência central, dispersão, assimetria e confiabilidade interna, além da proposta de padronização normativa por percentis.

A consistência interna geral da ECCR-VR foi satisfatória ($\alpha = 0{,}80$), indicando coerência entre os itens no que se refere às Habilidades para a Intimidade. A escala apresentou distribuição levemente assimétrica à esquerda ($M = 132{,}23$; $DP = 15{,}51$; $Mdn = 134$), com boa variabilidade.

Os fatores também demonstraram alfas de Cronbach adequados: Consciência sobre o Outro ($\alpha = 0{,}78$), Consciência Pessoal ($\alpha = 0{,}79$), Coragem ($\alpha = 0{,}77$) e Responsividade ($\alpha = 0{,}81$). As médias dos fatores situaram-se acima do ponto médio da escala, com destaque para Responsividade ($M = 41{,}04$) e Consciência Pessoal ($M = 32{,}84$). A dimensão Coragem apresentou menor média.

Os indicadores de assimetria, curtose e alcance foram analisados e sintetizados a seguir. A assimetria dos itens variou entre −1,11 e 0,87, e a curtose entre −0,87 e 1,24, permanecendo dentro dos limites recomendados para distribuições aproximadamente normais (assimetria < |2| e curtose < |7|). Esses resultados indicam ausência de desvios substanciais de normalidade univariada (Kline, 2016; Tabachnick & Fidell, 2019). O alcance dos escores por item foi amplo, variando entre 5 e 7 pontos.

Para facilitar a interpretação clínica, realizou-se a padronização percentílica dos escores, conforme apresentado na Tabela 2. Foram definidos cinco níveis: Muito inferior, Inferior, Normal, Acima da média e Alta habilidade, com base nos percentis 10, 25, 50, 75 e 90. Por exemplo, para o fator Consciência Pessoal, o escore 28 indica desempenho inferior, enquanto acima de 38 indica alta habilidade.

Essa categorização deve ser interpretada como um referencial preliminar de apoio à avaliação clínica e à pesquisa, não constituindo normas populacionais definitivas. Considerando o caráter não probabilístico da amostra e seu tamanho relativamente limitado, os pontos de corte apresentados devem ser utilizados com cautela e preferencialmente complementados por outras fontes de avaliação. Ainda assim, fornecem parâmetros iniciais úteis para interpretação dos escores e para futuras investigações sobre os repertórios avaliados pela ECCR-VR.

Tabela 2

Percentis e Padronização dos Resultados

Construto	*P*10	*Q*1	*Q*2	*Q*3	*P*90	Padronização de resultados
Habilidades para a Intimidade	112	123	134	142	151	Muito inferior: 24–112 Inferior: 113–122 Normal: 123–142 Acima da média: 143–150 Alta habilidade: 151–168
Consciência sobre o Outro	23	26	28	30	32	Muito inferior: 5–23 Inferior: 24–25 Normal: 26–30 Acima da média: 31 Alta habilidade: 32–35
Consciência Pessoal	27	29	33	36	39	Muito inferior: 6–27 Inferior: 28 Normal: 29–36 Acima da média: 37–38 Alta habilidade: 39–42
Coragem	24	27	31	34	36	Muito inferior: 6–24 Inferior: 25–26 Normal: 27–34 Acima da média: 35 Alta habilidade: 36–42
Responsividade	33	38	42	45	47	Muito inferior: 7–33 Inferior: 34–37 Normal: 38–45 Acima da média: 46 Alta habilidade: 47–49

Nota. *P* = percentil; *Q* = quartil (*Q*1 = 25º percentil, *Q*2 = 50º percentil ou mediana, *Q*3 = 75º percentil).

A Tabela 3 apresenta os itens por extenso, juntamente com suas respectivas médias, medianas, desvios padrão e alfas por fator. Os resultados demonstram boa dispersão dos escores e consistência interna adequada em todos os fatores. As médias mais elevadas concentram-se em itens de Responsividade e Consciência sobre o Outro, enquanto os itens de Coragem exibem maior variabilidade.

Tabela 3

Estatísticas Descritivas e Consistência Interna dos Itens da ECCR-VR

Construtos e itens	*Mdn*	*M*	*DP*	α
Habilidades para a Intimidade	134	132,23	15,51	0,80
Consciência sobre o Outro	28	27,77	3,65	0,78
3. Sou capaz de ouvir profundamente aos outros.	6	6,07	1,01	0,70
6. Eu consigo antecipar as necessidades e desejos das pessoas.	5	4,91	1,25	0,66
8. Estou ciente dos momentos em que os outros estão tentando ser cuidadosos, solidários ou amorosos comigo.	6	5,54	1,18	0,67
14. Faço perguntas aos outros para que me ajudem a entender exatamente o que está acontecendo no momento.	6	5,53	1,18	0,67
15. Estou ciente dos momentos em que posso ser cuidadoso, solidário e amoroso em relação aos outros.	6	5,72	0,98	0,63
Consciência Pessoal	33	32,84	4,98	0,79
1. Eu sei quando estou fazendo o que é importante para mim.	6	5,75	1,14	0,78
7. Eu percebo como as outras pessoas afetam o que sinto.	6	5,57	1,17	0,76
9. Estou ciente do que me faz sentir vulnerável.	6	5,43	1,15	0,76
10. Eu percebo como meus sentimentos afetam minhas ações.	6	5,66	1,11	0,77
16. Estou ciente das minhas reações e respostas aos outros quando elas ocorrem.	5	5,23	1,23	0,75
24. Estou ciente dos meus sentimentos enquanto eles acontecem.	5	5,20	1,29	0,73
Coragem	31	30,57	5,26	0,77
4. Eu não recuo diante de conflitos, se isso me aproxima do que eu valorizo.	5	4,92	1,41	0,62
11. Se há um bom motivo para enfrentar algo que me é desconfortável, eu enfrento.	5	5,26	1,44	0,58
13. Eu arrisco me sentir desconfortável para melhorar as minhas relações com os outros.	5	4,79	1,42	0,69
17. Eu ajo por aquilo em que acredito mesmo que eu sinta medo ou dúvida.	5	5,32	1,23	0,62
19. Eu persevero mesmo quando está difícil continuar.	5	5,19	1,28	0,66
20. Estou disposto a me entregar e me arriscar nos relacionamentos.	5	5,09	1,65	0,66
Responsividade	42	41,04	5,54	0,81
2. Eu sou capaz de expressar amor e carinho aos outros apenas com meu olhar e expressões faciais, em momentos importantes.	6	5,76	1,27	0,77
5. Eu expresso amor para aqueles com quem me importo.	6	5,97	1,25	0,75
12. Eu crio momentos calorosos e que me conectam com os outros.	5	5,27	1,40	0,77
18. Eu ajo de forma compassiva quando os outros precisam.	6	5,81	1,14	0,80
21. Eu apoio os outros quando precisam.	6	6,13	0,94	0,80
22. Eu demonstro para as pessoas que eu entendo como elas se sentem quando estão passando por dificuldades.	6	5,97	0,99	0,79
23. Quando as pessoas próximas demonstram que me amam, eu retribuo.	6	6,12	1,10	0,77

Nota. Mdn = Mediana; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; α = Alfa de Cronbach (nas linhas dos itens, o valor de α corresponde ao alfa de Cronbach da escala após a exclusão do item indicado).

Estudo 3

O Estudo 3 teve como objetivo investigar a estrutura latente da ECCR-VR com base em uma amostra de 537 participantes. A AFE foi conduzida com extração por máxima verossimilhança, rotação oblíqua (Oblimin) e matriz de correlação policórica. Os dados apresentaram boa adequação amostral (KMO = 0,91; teste de Bartlett, $p < 0,001$). A análise paralela indicou a retenção de cinco fatores, cujos autovalores reais superaram os autovalores simulados por permutação aleatória, conforme recomendado por Hayton et al. (2004). Esses cinco fatores explicaram 42,4% da variância total.

A matriz fatorial rotacionada (Tabela 4) revelou estrutura parcialmente coerente com os construtos teóricos da ECCR-VR. O Fator 1 agrupou itens de Coragem (p. ex., Itens 11, 17 e 19) e dois itens teoricamente vinculados à Consciência Pessoal (Itens 1 e 16). O Fator 2 reuniu itens de Responsividade (p. ex., Itens 2, 5 e 21), enquanto o Fator 3 agrupou itens teoricamente vinculados à Responsividade (Itens 22 e 18) e à Consciência sobre o Outro (Item 3). O Fator 4 reuniu itens de Consciência Pessoal (p. ex., Itens 7, 9 e 24). O Fator 5 reuniu os Itens 13 e 20, cujo conteúdo sugere uma possível faceta de coragem interpessoal ligada à disposição para assumir riscos nos relacionamentos. Os Itens 6 e 15 não apresentaram cargas ≥ 0,30 em nenhum fator. A presença de itens de domínios distintos nos Fatores 1 e 3 indica que a solução exploratória reproduziu apenas parcialmente a estrutura teórica da escala.

Tabela 4

Matriz de Cargas Fatoriais Rotacionadas (AFE, Estudo 3)

Item	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Unicidade
Item 11	0,681					0,534
Item 4	0,616					0,597
Item 19	0,567					0,617
Item 17	0,524					0,657
Item 1	0,448					0,556
Item 16	0,313					0,643
Item 14	0,313				0,310	0,764
Item 5		0,820				0,327
Item 23		0,777				0,382
Item 2		0,480				0,515
Item 21		0,363	0,309			0,620
Item 12		0,302				0,626
Item 22			0,871			0,260
Item 18			0,540			0,586
Item 3			0,494			0,574
Item 9				0,654		0,542
Item 7				0,629		0,598
Item 10				0,547		0,619
Item 8				0,346		0,597
Item 24				0,342		0,627
Item 13					0,599	0,597
Item 20					0,367	0,699
Item 6						0,744
Item 15						0,542

Nota. Extração por máxima verossimilhança com matriz policórica; rotação oblimin. Cargas fatoriais < 0,30 foram omitidas.

As correlações entre os quatro primeiros fatores foram moderadas (r = 0,40 a 0,59), enquanto o Fator 5 mostrou baixa integração com os demais. Os índices de ajuste global foram satisfatórios (RMSEA = 0,05;

CFI = 0,95; TLI = 0,92; SRMR = 0,03), indicando adequação da estrutura multidimensional. Nas análises fatoriais confirmatórias com os 24 itens, estimadas por DWLS, o modelo de quatro fatores correlacionados apresentou uma solução inadmissível, com matriz de covariâncias latentes não positiva definida, e o modelo hierárquico de segunda ordem não convergiu. O modelo unifatorial convergiu e apresentou $\chi^2(252) = 1065{,}708$, $p < 0{,}001$, CFI = 0,952, TLI = 0,947, RMSEA = 0,079 (IC 90% [0,074; 0,084]) e SRMR = 0,070. Na análise complementar de três fatores correlacionados com 18 itens, foram estimadas livremente as correlações entre Consciência sobre o Outro, Coragem e Responsividade. O modelo apresentou $\chi^2(132) = 204{,}723$, $p < 0{,}001$, CFI = 0,982, TLI = 0,979, RMSEA = 0,033 e SRMR = 0,054. Neste modelo, as cargas padronizadas dos Itens 13 e 20 no fator Coragem foram de 0,279 e 0,374, respectivamente.

A consistência interna foi examinada por domínio nas quatro AFCs estimadas separadamente. O alfa de Cronbach (α), o ômega de McDonald (ω), a confiabilidade composta (CC) e a variância média extraída (AVE) foram, respectivamente, 0,581, 0,576, 0,603 e 0,241 para Consciência sobre o Outro, 0,723, 0,718, 0,722 e 0,303 para Consciência Pessoal, 0,595, 0,575, 0,623 e 0,243 para Coragem, e 0,801, 0,802, 0,803 e 0,370 para Responsividade. O modelo isolado de Consciência sobre o Outro apresentou CFI = 0,988 e RMSEA = 0,032, com baixa variância média extraída. Na AFC complementar de três fatores correlacionados, a correlação latente entre Consciência sobre o Outro e Responsividade foi de $r = 0{,}930$, o que indica baixa diferenciação empírica entre esses dois domínios nessa especificação.

A Tabela 5 apresenta as cargas padronizadas e os R^2 dos 24 itens nas AFCs estimadas separadamente por domínio. Na análise isolada de Coragem, os Itens 13 e 20 apresentaram as menores cargas padronizadas (λ = 0,174 e 0,223, respectivamente). Esses mesmos itens compuseram o quinto fator na AFE.

Tabela 5

Cargas Fatoriais Padronizadas e Coeficientes de Determinação (R^2) dos Itens nas AFCs Estimadas por Domínio

Item	Fator	Carga padronizada (λ)	R^2
Item 1	Consciência Pessoal	0,536	0,287
Item 2	Responsividade	0,683	0,466
Item 3	Consciência sobre o Outro	0,562	0,316
Item 4	Coragem	0,610	0,372
Item 5	Responsividade	0,654	0,427
Item 6	Consciência sobre o Outro	0,459	0,211
Item 7	Consciência Pessoal	0,509	0,259
Item 8	Consciência sobre o Outro	0,491	0,241
Item 9	Consciência Pessoal	0,600	0,360
Item 10	Consciência Pessoal	0,545	0,297
Item 11	Coragem	0,622	0,387
Item 12	Responsividade	0,563	0,316
Item 13	Coragem	0,174	0,030
Item 14	Consciência sobre o Outro	0,295	0,087
Item 15	Consciência sobre o Outro	0,592	0,351
Item 16	Consciência Pessoal	0,521	0,271
Item 17	Coragem	0,532	0,283
Item 18	Responsividade	0,538	0,290
Item 19	Coragem	0,580	0,337
Item 20	Coragem	0,223	0,050
Item 21	Responsividade	0,518	0,269
Item 22	Responsividade	0,632	0,400
Item 23	Responsividade	0,649	0,421
Item 24	Consciência Pessoal	0,584	0,341

Nota. Estimador DWLS com matriz policórica.

Discussão

Este estudo teve como objetivo adaptar e validar a ECCR-VR para o português brasileiro, considerando sua relevância para a mensuração de processos terapêuticos centrais à FAP. O Estudo 1 evidenciou equivalência semântica entre a versão original e a adaptada, com compreensibilidade adequada dos itens na população-alvo. Ajustes pontuais, como a reformulação do Item 17 (Item 20 na ordem randomizada), refletem sensibilidades culturais necessárias à adaptação de medidas com foco em experiências relacionais.

Os achados do Estudo 2 indicaram boas propriedades psicométricas da ECCR-VR, com variabilidade adequada, consistência interna satisfatória e distribuição dos escores compatível com uso clínico e normativo. A padronização percentílica oferece uma referência preliminar útil para avaliação individualizada e comparações em pesquisas futuras. A Responsividade apresentou os maiores escores médios, enquanto a Coragem, consistentemente mais baixa, confirma achados anteriores (Kuczynski et al., 2020; Ortiz-Fune et al., 2021) e sugere seu potencial como alvo de intervenções.

No Estudo 3, a AFE identificou cinco fatores, destacando-se a emergência de um quinto fator composto exclusivamente pelos Itens 13 e 20. Ambos os itens compartilham conteúdo relacionado à disposição para assumir riscos interpessoais em contextos relacionais específicos, diferindo dos demais indicadores de coragem, que enfatizam persistência diante de dificuldades ou ação orientada por valores. A formação desse fator sugere que aspectos da coragem associados à vulnerabilidade interpessoal podem constituir uma faceta relativamente distinta do construto na amostra brasileira. Contudo, o reduzido número de itens e a baixa integração com os demais fatores recomendam cautela na interpretação dessa estrutura, que deverá ser reavaliada em estudos futuros.

As baixas cargas fatoriais observadas para os Itens 13 e 20 na AFC reforçam essa interpretação. É possível que esses itens estejam capturando uma dimensão mais específica da vulnerabilidade relacional ou que suas formulações ainda carreguem ambiguidades semânticas relacionadas à compreensão cultural da exposição emocional e da intimidade. Alternativamente, tais resultados podem refletir diferenças legítimas na estrutura do construto entre populações culturalmente distintas daquelas investigadas por Kuczynski et al. (2020). No modelo complementar de 18 itens, a correlação latente entre Consciência sobre o Outro e Responsividade (r = 0,930) indicou baixa diferenciação empírica entre esses domínios nessa especificação. Na análise com os 24 itens, o modelo de quatro fatores correlacionados apresentou uma solução inadmissível, e o modelo de segunda ordem, que incluía os quatro domínios, não convergiu.

Na análise isolada de Consciência sobre o Outro, o modelo apresentou bom ajuste, mas os indicadores de confiabilidade e a variância média extraída foram baixos, sugerindo que a dimensão pode necessitar de refinamento conceitual ou ampliação do número de indicadores. Estudos futuros deverão investigar se esse padrão decorre de características amostrais, de aspectos culturais ou de limitações inerentes aos próprios itens.

Os cinco fatores retidos explicaram 42,4% da variância total dos escores. Embora esse percentual seja moderado, ele supera o limite mínimo frequentemente recomendado para soluções fatoriais exploratórias e situa-se dentro da faixa observada em muitos instrumentos psicológicos, especialmente aqueles destinados à avaliação de construtos multidimensionais e de elevada complexidade comportamental (Peterson, 2000). Considerando a natureza multifacetada da intimidade e dos repertórios avaliados pela ECCR-VR, é esperado que parte substancial da variabilidade permaneça distribuída entre fatores específicos e fontes de erro não capturadas pelo modelo.

A solução exploratória reproduziu apenas parcialmente a estrutura teórica da ACRS. O modelo hierárquico de quatro fatores descrito por Kuczynski et al. (2020) não convergiu na amostra brasileira.

Os presentes dados apontaram para uma configuração em que Consciência sobre o Outro apresentou comportamento psicométrico distinto dos demais fatores. Além disso, a análise exploratória identificou um quinto fator emergente composto pelos Itens 13 e 20, estrutura não observada no estudo original. Essas diferenças podem refletir características culturais, particularidades das amostras investigadas ou especificidades do processo de adaptação transcultural.

A randomização da ordem dos itens foi adotada para mitigar os efeitos de halo descritos por Ortiz-Fune et al. (2021); contudo, como não houve comparação com a apresentação sequencial dos itens, a eficácia dessa estratégia não pôde ser testada diretamente neste estudo. A nova redação do Item 17 não apenas solucionou problemas de compreensão observados na adaptação anterior, como pode ter permitido uma nova interpretação para o desempenho fatorial dos itens sobre a coragem relacional.

Os presentes achados oferecem suporte inicial ao uso da ECCR-VR como ferramenta para mensuração de repertórios de intimidade interpessoal, cuja utilidade no contexto clínico deverá ser examinada em amostras clínicas. A diferenciação entre Consciência sobre o Outro e Consciência Pessoal permite avaliações mais precisas de processos de autoatenção versus responsividade social, enquanto a dimensão Coragem, potencialmente mais suscetível à mudança, pode funcionar como marcador sensível em contextos terapêuticos baseados em vulnerabilidade e autenticidade relacional.

Além de contribuir empiricamente, este estudo responde a desafios metodológicos historicamente identificados na literatura da FAP, especialmente aqueles relacionados à necessidade de ampliar a investigação de mecanismos de mudança e fortalecer delineamentos experimentais mais robustos (Kanter et al., 2017; Singh & O'Brien, 2018). Embora revisões recentes indiquem crescimento substancial da base empírica da FAP e evidências favoráveis de eficácia em ensaios clínicos randomizados e delineamentos de caso único (López-Pinar et al., 2025), permanece a necessidade de instrumentos capazes de avaliar de forma válida e confiável os processos interpessoais que a teoria propõe como responsáveis por esses efeitos. Nesse contexto, a ECCR-VR oferece uma medida padronizada dos repertórios de consciência, coragem e responsividade, contribuindo para o avanço de pesquisas voltadas não apenas à avaliação de resultados terapêuticos, mas também à investigação dos mecanismos processuais subjacentes à mudança clínica.

Limitações

Entre as limitações, destaca-se o uso de amostras não probabilísticas. O Estudo 2 apresentou predominância de participantes com experiência prévia em psicoterapia, característica que pode ter favorecido maiores níveis de consciência emocional e interpessoal. Por sua vez, o Estudo 3 concentrou-se majoritariamente em participantes da região Norte do Brasil, especialmente do estado do Amapá, o que limita a generalização dos resultados para outras regiões do país. Adicionalmente, observou-se, no Estudo 2, predomínio de participantes com elevada escolaridade, restringindo a representatividade de segmentos populacionais com diferentes perfis sociodemográficos. A consistência interna variou entre os domínios. A confiabilidade de alguns fatores, embora aceitável para um estudo inicial de adaptação e validação, pode ser otimizada em versões futuras da escala.

Na AFC com os 24 itens, o modelo de quatro fatores correlacionados produziu uma solução inadmissível e o modelo de segunda ordem não convergiu, limitando a avaliação confirmatória da estrutura teórica. Também não foram examinadas evidências de validade convergente ou preditiva, nem a invariância entre grupos. Como os itens foram apresentados em uma única ordem nos Estudos 2 e 3, o efeito da randomização sobre as respostas não pôde ser avaliado diretamente. Estudos posteriores devem testar a ECCR-VR em amostras clínicas e contextos longitudinais, avaliando sua sensibilidade a mudanças e sua capacidade de detectar efeitos de intervenções voltadas ao desenvolvimento da

intimidade interpessoal. Também são recomendadas investigações sobre estabilidade temporal e refinamento dos fatores que apresentaram indicadores psicométricos menos robustos.

Conclusões

A ECCR-VR apresentou evidências iniciais de adequação semântica e de consistência interna. A solução exploratória reproduziu parcialmente os domínios teóricos, cuja estrutura permanece por confirmar. Em um contexto no qual evidências recentes apontam para a eficácia da FAP em diferentes delineamentos de pesquisa (López-Pinar et al., 2025), a disponibilidade de instrumentos capazes de mensurar seus processos centrais torna-se especialmente relevante para o avanço de estudos sobre mecanismos de mudança e mediação de resultados terapêuticos.

Ao operacionalizar os componentes de Consciência, Coragem e Responsividade com clareza e padronização, a escala pode contribuir para responder a lacunas metodológicas da área (Kanter et al., 2017; Singh & O'Brien, 2018), oferecendo uma medida de processo utilizável em delineamentos experimentais mais robustos, incluindo ensaios clínicos randomizados.

Espera-se que futuras investigações aprofundem a análise da ECCR-VR em contextos clínicos diversos, testando sua estabilidade temporal, sensibilidade a intervenções e validade convergente com outras medidas processuais. Como instrumento fundamentado teórica e empiricamente, a ECCR-VR pode fortalecer a agenda empírica da FAP e apoiar sua consolidação como abordagem processual baseada em evidências.

Agradecimentos e Autoria

Agradecimentos: Agradecemos à Profa. Ma. Teresa Cristina Kobayashi pela colaboração na coleta dos dados utilizados no Estudo 3.

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir nenhum conflito de interesses ou lealdades concorrentes que possam comprometer a objetividade ou influenciar os resultados deste estudo. Não há envolvimento financeiro, pessoal ou institucional que interfira na condução, análise ou interpretação dos dados apresentados no manuscrito.

Fontes de financiamento: Não se aplica.

Declaração de contributos de autoria CRediT: L. M. S.: Metodologia; Validação; Análise formal; Investigação; Recursos; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição. **L. S. M.:** Conceptualização; Metodologia; Validação; Análise formal; Investigação; Recursos; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição. **L. O. P.:** Conceptualização; Metodologia; Validação; Análise formal; Investigação; Recursos; Redação – rascunho original. **L. S.-P.:** Conceptualização; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Recursos; Redação – rascunho original. **R. N. X.:** Conceptualização; Curadoria de dados; Análise formal; Validação; Investigação; Metodologia; Recursos; Redação – revisão e edição; Supervisão; Administração do projeto.

ORCID: L. M. Soares, https://orcid.org/0009-0001-9846-7893; L. S. Matias, https://orcid.org/0009-0007-0927-0276; L. O. Paiva, https://orcid.org/0009-0007-7007-8005; L. dos Santos-Pereira, https://orcid.org/0009-0007-7418-7065; R. N. Xavier, https://orcid.org/0000-0003-4435-0443.

Referências

Brown, B. (2016). *A coragem de ser imperfeito: Como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é*. Sextante.

Ferreira, A. B. H. (2009). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Positivo.

Haworth, K., Kanter, J. W., Tsai, M., Kuczynski, A. M., Rae, J. R., & Kohlenberg, R. J. (2015). Reinforcement matters: A preliminary, laboratory-based component-process analysis of Functional Analytic Psychotherapy's model of social connection. *Journal of Contextual Behavioral Science, 4*(4), 281–291. https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2015.08.003

Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor retention decisions in exploratory factor analysis: A tutorial on parallel analysis. *Organizational Research Methods, 7*(2), 191–205. https://doi.org/10.1177/1094428104263675

Holman, G., Kanter, J. W., Tsai, M., & Kohlenberg, R. J. (2022). *Psicoterapia analítica funcional descomplicada: Guia prático para relações terapêuticas*. Sinopsys. (Obra original publicada em 2017)

JASP Team. (2024). *JASP* (Version 0.19.3) [Computer software]. https://jasp-stats.org/

Kanter, J. W., Holman, G., & Wilson, K. G. (2014). Where is the love? Contextual behavioral science and behavior analysis. *Journal of Contextual Behavioral Science, 3*(2), 69–73. https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2014.02.001

Kanter, J. W., Manbeck, K. E., Kuczynski, A. M., Maitland, D. W. M., Villas-Bôas, A., & Reyes Ortega, M. A. (2017). A comprehensive review of research on functional analytic psychotherapy. *Clinical Psychology Review, 58*, 141–156. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2017.09.010

Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th ed.). Guilford Press.

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia analítica funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas*. ESETec. (Obra original publicada em 1991)

Kuczynski, A. M., Kanter, J. W., Wetterneck, C. T., Olaz, F. O., Singh, R. S., Lee, E. B., Stowe, T. J., Mazzucchelli, T. G., Mier-Chairez, J., Maitland, D. W. M., Manbeck, K. E., & Corey, M. D. (2020). Measuring intimacy as a contextual behavioral process: Psychometric development and evaluation of the Awareness, Courage, and Responsiveness Scale. *Journal of Contextual Behavioral Science, 16*, 199–208. https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2019.02.004

López-Pinar, C., Galán-Doña, D., Tsai, M., & Macías, J. (2025). Meta-analysis of randomized controlled trials and single-case designs on the efficacy of functional analytic psychotherapy. *Clinical Psychology: Science and Practice, 32*(1), 26–45. https://doi.org/10.1037/cps0000221

Ortiz-Fune, C., Arias, M. F., & Martínez-Cervantes, R. J. (2021). Spanish adaptation of the Awareness, Courage and Responsiveness Scale: Preliminary psychometric properties in non-clinical samples. *Journal of Contextual Behavioral Science, 21*, 113–120. https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2021.06.006

Peterson, R. A. (2000). A meta-analysis of variance accounted for and factor loadings in exploratory factor analysis. *Marketing Letters, 11*(3), 261–275. https://doi.org/10.1023/A:1008191211004

Singh, R. S., & O'Brien, W. H. (2018). A quantitative synthesis of functional analytic psychotherapy single-subject research. *Journal of Contextual Behavioral Science, 7*, 35–46. https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.11.004

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson.

Vandenberghe, L. (2025). The unfolding of functional analytical psychotherapy. *Clinical Psychology: Science and Practice, 32*(1), 46–48. https://doi.org/10.1037/cps0000237

Wild, D., Grove, A., Martin, M., Eremenco, S., McElroy, S., Verjee-Lorenz, A., & Erikson, P. (2005). Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for patient-reported outcomes (PRO) measures: Report of the ISPOR Task Force for Translation and Cultural Adaptation. *Value in Health, 8*(2), 94–104. https://doi.org/10.1111/j.1524-4733.2005.04054.x

Xavier, R. N. (2021). Consciência, coragem e amor: Análise behaviorista de objetivos da psicoterapia analítica funcional. *Psicologia em Estudo, 26*, Artigo e47074. https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.47074